

## SCREENAGERS: O IMPACTO DA GERAÇÃO DIGITAL NO CONTEXTO EDUCACIONAL E OS DESAFIOS PARA PROFESSORES E ESCOLAS

Gabriela Clotilde dos Santos Monteiro<sup>1</sup>  
Eduardo Bezerra Magalhães Lima<sup>2</sup>  
Glaciene Sansão Bravim<sup>3</sup>  
Leandro Martins de Mellos<sup>4</sup>  
Maira Pereira Guilherme<sup>5</sup>  
Quézia Corrêa Calixto de Faria<sup>6</sup>  
Vilza Paula de Lima Adrien<sup>7</sup>  
Wilson Bezerra dos Santos<sup>8</sup>

**RESUMO:** Este paper aborda a relação entre a geração de Screenagers, caracterizada pelo uso intensivo de telas e tecnologias digitais, e o universo educacional. O objetivo desta pesquisa bibliográfica foi analisar as possibilidades e impactos dessa relação, bem como identificar os desafios enfrentados pelos professores e escolas ao lidar com essa geração. Para isso, foi realizada uma pesquisa em bases de dados acadêmicas, incluindo Google Scholar, Scopus e ERIC, utilizando palavras-chave como “Screenagers”, “geração digital” e “educação digital”. A partir da análise dos estudos de autores renomados, como Marc Prensky, danah boyd, Sonia Livingstone, Larry Rosen e Neil Selwyn, foram identificados os desafios enfrentados pelos educadores, tais como a adaptação dos métodos de ensino, a integração de tecnologias digitais no currículo, a gestão do tempo de tela, a promoção de habilidades de pensamento crítico e a educação para o uso seguro e responsável das tecnologias. Esses desafios demandam uma capacitação docente adequada. Portanto, este estudo contribui para a compreensão da relação entre a geração de Screenagers e a educação, fornecendo insights relevantes para professores, gestores educacionais e pesquisadores interessados nesse campo.

4601

**Palavras-chave:** Screenagers. Geração digital. Educação digital. Tecnologias digitais.

<sup>1</sup>Doutoranda em Ciências da Educação Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

<sup>2</sup> Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação Must University (MUST).

<sup>3</sup> Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação Must University (MUST).

<sup>4</sup> Doutorando em Ciências da Educação Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS).

<sup>5</sup> Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação Must University (MUST).

<sup>6</sup> Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

<sup>7</sup> Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação Must University (MUST).

<sup>8</sup> Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação Must University (MUST).

**ABSTRACT:** This paper addresses the relationship between the Screenagers generation, characterized by the intensive use of screens and digital technologies, and the educational universe. The objective of this bibliographic research was to analyze the possibilities and impacts of this relationship, as well as to identify the challenges faced by teachers and schools when dealing with this generation. To this end, a search was conducted in academic databases, including Google Scholar, Scopus and ERIC, using keywords such as “Screenagers”, “digital generation” and “digital education”. Based on the analysis of studies by renowned authors, such as Marc Prensky, danah boyd, Sonia Livingstone, Larry Rosen and Neil Selwyn, the challenges faced by educators were identified, such as adapting teaching methods, integrating digital technologies into the curriculum, managing screen time, promoting critical thinking skills and educating for the safe and responsible use of technologies. These challenges require adequate teacher training. Therefore, this study contributes to the understanding of the relationship between the Screenagers generation and education, providing relevant insights for teachers, educational managers and researchers interested in this field.

**Keywords:** Screenagers. Digital generation. Digital education. Digital technologies.

## I INTRODUÇÃO

A geração de Screenagers, composta por jovens que cresceram imersos em tecnologias digitais e são caracterizados pelo uso intensivo de telas, está transformando significativamente o panorama educacional. Essa geração, influenciada pelas rápidas mudanças tecnológicas, traz consigo desafios e oportunidades para professores e escolas. Nesse contexto, é fundamental compreender a relação entre a geração de Screenagers e o universo educacional, a fim de explorar as possibilidades e enfrentar os desafios que surgem nessa interação.

Este paper tem como objetivo analisar as implicações dessa relação, bem como identificar os desafios enfrentados pelos professores e escolas ao lidar com essa geração digital. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em bases de dados acadêmicas, buscando estudos relevantes sobre o tema. Autores como Marc Prensky, Danah Doyd, Sonia Livingstone, Larry Rosen e Neil Selwyn contribuíram significativamente para a compreensão dessa relação e foram fundamentais na construção desta pesquisa.

Ao explorar a relação entre a geração de Screenagers e a educação, é possível vislumbrar uma série de desafios enfrentados pelos educadores, desde a adaptação dos métodos de ensino para engajar essa geração até a promoção do uso seguro e responsável das tecnologias digitais. Além disso, existem possibilidades interessantes que surgem dessa relação, como a integração de tecnologias no currículo e o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico.

A partir dessa análise, espera-se que este estudo contribua para o entendimento dos desafios enfrentados por professores e escolas ao lidar com a geração de Screenagers,

fornecendo insights valiosos para a melhoria da prática educacional e a formação de estratégias eficazes de ensino-aprendizagem no contexto digital.

## 2 Navegando pelo Universo Digital: Desafios e Oportunidades na Educação da Geração de Screenagers

A presente pesquisa iniciou-se com a identificação do tema central: a relação entre os estudantes da geração de Screenagers e o contexto educacional. Trata-se de uma geração marcada pelo uso intensivo de tecnologias digitais, cujas práticas cotidianas são atravessadas por dispositivos eletrônicos, redes sociais, aplicativos e plataformas de interação. Essa imersão nas telas não apenas altera o modo como esses jovens se comunicam, mas também afeta significativamente a maneira como aprendem, processam informações e se relacionam com o conhecimento escolar.

Com base nisso, elaborou uma lista de palavras-chave para orientar a pesquisa: “Screenagers”, “geração digital”, “educação digital”, “impacto da tecnologia na educação” e similares. Essas palavras possibilitaram o refinamento das buscas em bases de dados acadêmicas como Google Scholar, Scopus e ERIC. A partir da seleção dos títulos e resumos mais relevantes, priorizei estudos que abordavam de forma direta a dinâmica entre jovens hiperconectados e os processos educativos.

4603

A leitura e seleção dos artigos resultaram em um conjunto de referências fundamentais. Dentre os autores que embasam teoricamente este estudo, destacam-se Marc Prensky, danah boyd, Sonia Livingstone, Larry Rosen e Neil Selwyn. Marc Prensky (2001) foi um dos primeiros a popularizar o conceito de “nativos digitais”, sugerindo que os jovens nascidos na era da internet desenvolvem formas de pensar e aprender diferentes das gerações anteriores, o que exige dos educadores uma reformulação nos métodos de ensino tradicionais.

Danah Boyd (2014) traz contribuições relevantes ao investigar os comportamentos sociais e culturais dos adolescentes nas redes digitais. Sua análise revela que esses jovens não estão apenas consumindo tecnologia, mas a utilizam para negociar identidades, construir relações e organizar experiências educativas e afetivas. Sonia Livingstone (2011), por sua vez, dedica-se a estudar como as crianças e adolescentes acessam, avaliam e produzem informação online, enfatizando a importância da mediação adulta para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Larry Rosen (2011) alerta para os efeitos do uso excessivo de telas na saúde mental, nos padrões de sono e no desempenho acadêmico. Ele aponta que a hiperconectividade pode prejudicar a atenção sustentada e dificultar o engajamento profundo com os conteúdos escolares. Por fim, Neil Selwyn (2009) analisa criticamente a relação entre educação e tecnologia, argumentando que o foco não deve estar apenas na inserção de novas ferramentas, mas principalmente na formação dos professores e na construção de espaços educacionais que reflitam sobre os usos e sentidos da tecnologia na vida dos estudantes.

As pesquisas desses autores permitiram uma compreensão aprofundada das possibilidades e impactos dessa relação. Entre as possibilidades, destacam-se: o acesso a recursos educacionais digitais que tornam a aprendizagem mais interativa, personalizada e acessível; a promoção do aprendizado autônomo, por meio de buscas e projetos de investigação; e a colaboração e o compartilhamento de conhecimento entre pares, mediado por plataformas digitais.

Contudo, também surgem impactos significativos, como as dificuldades de atenção e concentração, a queda no desempenho escolar e a superficialidade no trato com informações complexas. Ademais, observa-se uma redução nas habilidades sociais presenciais, dado que as interações virtuais têm substituído, em muitos casos, o contato humano direto. Esses efeitos exigem dos educadores uma postura ativa de mediação e orientação quanto ao uso das telas.

4604

Nesse sentido, os desafios para professores e escolas são diversos. O primeiro refere-se à adaptação dos métodos de ensino, como defende Prensky (2001), de forma que as aulas sejam mais interativas e dialógicas, aproximando-se das linguagens com as quais os alunos estão familiarizados. Outro desafio é a integração efetiva das tecnologias ao currículo escolar, exigindo planejamento pedagógico e não apenas inserções pontuais e descontextualizadas (Boyd, 2014).

A gestão do tempo de tela também se impõe como desafio. Rideout, Foehr e Roberts (2010) destacam que os jovens passam em média mais de sete horas por dia conectados a múltiplas telas. Esse excesso compromete outras atividades fundamentais para o desenvolvimento integral, como a leitura, a prática de esportes e a convivência familiar. Cabe à escola orientar para o uso equilibrado das tecnologias.

Ademais, é essencial fomentar o pensamento crítico frente à avalanche de informações que circulam na internet. Livingstone et al. (2011) enfatizam que é papel dos educadores ensinar os alunos a reconhecer fontes confiáveis, identificar fake news e refletir sobre os impactos

sociais e políticos da desinformação. A educação para o uso seguro e responsável das tecnologias é outro ponto central. Rosen (2011) ressalta que, além dos riscos físicos e psicológicos, há questões relacionadas à exposição de dados, ao cyberbullying e à violência simbólica nas redes.

Por fim, Selwyn (2009) afirma que os professores devem ser continuamente formados para lidar com esses desafios. A capacitação docente deve ir além do treinamento técnico, abordando também as dimensões ética, crítica e pedagógica do uso das tecnologias. Só assim será possível construir ambientes de aprendizagem que favoreçam a inclusão digital, a autonomia intelectual e a formação cidadã.

Portanto, compreender a relação entre a geração de Screenagers e a educação exige uma abordagem multidimensional, que reconheça tanto as potencialidades quanto os limites da inserção tecnológica no cotidiano escolar. A educação do século XXI demanda não apenas o acesso à tecnologia, mas principalmente o desenvolvimento de uma cultura digital crítica, reflexiva e humanizada.

A esse conjunto de desafios somam-se ainda aspectos relacionados à formação familiar e ao contexto de mediação parental. Estudos como o de Lee e Chae (2007) demonstram que a forma como os pais lidam com o uso das tecnologias dentro do ambiente familiar impacta diretamente a relação dos filhos com os dispositivos digitais e, por conseguinte, com os processos educativos. Pais mais presentes e ativos na mediação das práticas tecnológicas tendem a estimular comportamentos mais saudáveis em relação ao tempo de tela, à busca por informação de qualidade e à participação ativa em espaços digitais de aprendizagem.

Complementarmente, Twenge (2017) alerta para transformações no comportamento e na subjetividade dos jovens hiperconectados, denominados por ela de "iGen". De acordo com a autora, esta é uma geração que tende a apresentar maior tolerância e habilidade com as tecnologias, mas também manifesta sinais de solidão, ansiedade e dificuldade em assumir responsabilidades adultas. Tais aspectos têm consequências diretas na vivência escolar, especialmente no que diz respeito ao envolvimento com tarefas, interações presenciais e capacidade de resiliência diante de desafios cognitivos mais complexos.

Ao explorar os espaços digitais, os Screenagers também encontram ambientes que influenciam diretamente a construção de identidades e relações interpessoais. Subrahmanyam, Greenfield e Tynes (2004) destacam que as salas de bate-papo e redes sociais virtuais funcionam como laboratórios simbólicos, nos quais adolescentes experimentam papéis sociais, constroem narrativas sobre si mesmos e testam limites de comunicação e interação. Essa

dinâmica influencia a forma como os jovens compreendem a si mesmos, ao outro e ao mundo, impactando suas atitudes na escola e suas perspectivas de futuro.

Nesse contexto, a mediação docente e institucional ganha uma dimensão ainda mais relevante. Penuel et al. (2010), ao analisarem parcerias entre centros de pesquisa e escolas, reforçam a importância de articular a produção acadêmica com as necessidades da prática educativa. A articulação entre teoria e prática, entre pesquisa e formação docente, é essencial para o enfrentamento dos desafios impostos pela cultura digital. Isso exige abertura das escolas para o diálogo com a ciência, autonomia pedagógica e investimento em formação continuada.

A educação para a geração de Screenagers não pode se restringir à introdução de dispositivos em sala de aula. Ela precisa considerar as condições sociais, emocionais, cognitivas e culturais que moldam as experiências dos estudantes com as tecnologias. Envolver os Screenagers no processo educativo implica reconhecer seus saberes, ouvir suas vozes, considerar suas narrativas digitais e promover o letramento crítico em relação à cultura de dados, algoritmos, redes e plataformas.

Nesse sentido, iniciativas de educação midiática, como as propostas por Livingstone (2011), devem ser incorporadas ao cotidiano escolar. O objetivo é capacitar os estudantes não apenas a utilizar as tecnologias, mas a compreender seus funcionamentos, seus interesses econômicos, seus impactos sociais e suas implicações éticas. A escola do século XXI deve ser, portanto, um espaço de formação digital plena, que articule conhecimento técnico com consciência cidadã.

Dessa forma, as contribuições de autores como Prensky (2001), Boyd (2014), Rosen (2011), Selwyn (2009), entre outros, convergem para a ideia de que a educação da geração digital exige uma nova forma de pensar o ensino e a aprendizagem. Trata-se de construir uma pedagogia digitalizada, mas humanizada; tecnológica, mas crítica; conectada, mas reflexiva. Enfrentar esse desafio é tarefa coletiva que envolve professores, famílias, gestores e pesquisadores comprometidos com uma educação significativa, inclusiva e transformadora, capaz de integrar as potencialidades da cultura digital sem abrir mão dos valores éticos, da criticidade e da formação integral dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a geração de Screenagers e o universo educacional apresenta desafios complexos e, ao mesmo tempo, abre portas para novas possibilidades no campo da educação.

Através desta pesquisa bibliográfica, foi possível compreender melhor os impactos dessa relação e identificar os desafios enfrentados por professores e escolas.

Os estudos de autores como Marc Prensky, danah boyd, Sonia Livingstone, Larry Rosen e Neil Selwyn proporcionaram insights valiosos sobre a relação entre a geração de Screenagers e a educação. Esses estudos destacaram a importância de adaptar os métodos de ensino tradicionais para engajar essa geração imersa na cultura digital. Além disso, ressaltaram a necessidade de promover habilidades de pensamento crítico e educar os alunos para o uso seguro e responsável das tecnologias digitais.

Os desafios enfrentados pelos professores e escolas incluem a integração efetiva das tecnologias no currículo, a gestão do tempo de tela, a capacitação docente adequada para lidar com as demandas dessa geração, bem como a necessidade de equilibrar o uso da tecnologia com outras atividades essenciais para o desenvolvimento dos alunos.

No entanto, também foram identificadas possibilidades promissoras nessa relação. A integração de tecnologias digitais pode enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando experiências mais envolventes e personalizadas. Além disso, as tecnologias podem ampliar o acesso ao conhecimento e facilitar a colaboração entre os alunos.

Diante dessas considerações, é fundamental que os educadores estejam preparados para enfrentar esses desafios e aproveitar as oportunidades oferecidas pela geração de Screenagers. A formação docente, o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inovadoras e a promoção do pensamento crítico são elementos-chave para lidar com essa realidade em constante evolução.

4607

Em última análise, a compreensão da relação entre a geração de Screenagers e a educação é essencial para o avanço da prática educacional. Através do diálogo contínuo entre pesquisadores, professores e gestores educacionais, é possível encontrar soluções eficazes e inclusivas que aproveitem ao máximo as vantagens oferecidas pela tecnologia, ao mesmo tempo em que atendem às necessidades educacionais dos alunos da geração digital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYD, D. (2014). *It's complicated: The social lives of networked teens*. Yale University Press. Disponível em: <https://yalebooks.yale.edu/book/9780300166316/its-complicated/>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

LIVINGSTONE, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). *Risks and safety on the internet: The perspective of European children. Full findings and policy implications from the*

EU Kids Online survey of 9–16 year olds and their parents in 25 countries. EU Kids Online, London School of Economics & Political Science. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/33731/>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

PRENSKY, M. (2001). Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1–6. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

RIDEOUT, V. J., Foehr, U. G., & Roberts, D. F. (2010). *Generation M2: Media in the lives of 8- to 18-year-olds*. Kaiser Family Foundation. Disponível em: <https://www.kff.org/other/report/generation-m2-media-in-the-lives-of-8-to-18-year-olds/>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

ROSEN, L. D. (2011). *Rewired: Understanding the iGeneration and the way they learn*. Macmillan. Disponível em: <https://us.macmillan.com/books/9780230612386/rewired>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

SELWYN, N. (2009). Faceworking: Exploring students' education-related use of Facebook. *Learning, Media and Technology*, 34(2), 157–174. <https://doi.org/10.1080/17439880902923622>. Acesso em: 13 de junho de 2025.